

## A Viagem de Auto-Conhecimento de Tatsuzô Ishikawa

Mestre: Monica Setuyo Okamoto<sup>1</sup>. (UNESP- Assis)

### Introdução

Desde os primórdios da literatura ocidental, muitos escritores sentiram a necessidade de narrar seus relatos de viagem, reais ou fictícios, com o intuito de buscar o auto-conhecimento e a consciência do “outro”. No entanto, para Edward Said (2004), a visão do “outro” nos enunciados ocidentais sempre esteve carregada de conotação etnocêntrica, ligada aos domínios coloniais e culturais. Por trás dos discursos de empirismo e cientificismo existia o sentimento de imperialismo e de sujeição, material e discursiva, especialmente, do Oriente. As representações ocidentais do “outro” são, sem dúvida, restritas à visão européia. Assim, os orientais acabaram surgindo nos palcos das discussões internacionais do início do século XX muitas vezes como “bárbaros” ou povos presos ao ostracismo.

Dentro da história da literatura japonesa, o forte discurso étnico e a expansão econômica ocidental sobre o Japão, nas primeiras décadas do século XX, levaram escritores japoneses a refletirem sobre a condição do “outro” e a capacidade deles de aceitarem novas formas de alteridade. Entretanto, o povo nipônico, defensor de sua individualidade, sentia uma inquietação quanto à essa questão. Aliás, não só os japoneses, mas o mundo inteiro, desde o século XIX, havia mergulhado no sentimento nacionalista, um sintoma romântico que, no século seguinte, tomou uma feição totalitária.

Sob os resquícios do Romantismo, em 1930, o estudante de jornalismo e escritor Tatsuzô Ishikawa (1905-1985) resolve viajar para o Brasil como imigrante. O jovem Ishikawa sentia-se reduzido e esgotado no Japão. Tinha curiosidade por outras terras e queria ser estrangeiro. No entanto, a juventude e os sonhos de grandeza desse escritor se desmoronaram frente à miséria de outros imigrantes japoneses, em sua maioria trabalhadores rurais, e à condição dos orientais no Ocidente. Durante a viagem de 45 dias em alto-mar, os imigrantes japoneses passaram por diversos países até chegarem ao Brasil, e puderam, pela primeira vez, experimentar os dissabores de serem um estrangeiro, mais do que isso, ser um oriental. Ishikawa retornou ao Japão, após um ano de estada no Brasil, e lançou em 1933 o romance social *Sôbô* (Povo), inspirado em sua experiência de viagem. Dois anos mais tarde, em 1935, a obra foi laureada com o 1º Prêmio Akutagawa de Literatura.

O objetivo dessa comunicação é apresentar a visão de um oriental sobre o Ocidente inspirada em sua vivência como viajante, e mostrar como Ishikawa, ao refletir sobre a concepção de “estrangeiro”, acaba realizando uma viagem interna de auto-conhecimento.

### 1. A visão oriental do Ocidente

Nas décadas de 1920 e 1930 os escritores japoneses estavam divididos, grosso modo, em duas categorias: dos propagandistas do governo totalitário nipônico e dos intimistas, que propunham um retorno às tradições culturais do período feudal, em contraste com a vida urbana da classe média. Foi nesse contexto que a obra *Sôbô* surgiu no âmbito literário japonês. Fugindo das tendências da época, Ishikawa saiu do foco urbano e voltou-se para classe rural, a qual os escritores japoneses tinham pouco interesse em escrever. O autor inovou também ao trabalhar com o tema da imigração japonesa em seu romance, e ao apontar os problemas causados pelo acelerado ritmo de desenvolvimento industrial, o qual havia afetado a identidade dos povos do mundo inteiro que estavam, cada vez mais, **contribuindo para o aumento das** grandes mobilidades geográficas. Nesse novo mundo moderno, desconhecido pelos imigrantes japoneses, inclusive pelo autor, a realidade no exterior parecia desumana e assustadora.

A experiência marcou profundamente as convicções sociais de Tatsuzô que se posicionou de forma irônica e pessimista quanto à condição do Japão face às potências ocidentais que manipulavam não só a economia mundial, como também os discursos morais e étnicos.

*Sôbô* é um romance que conta a saga dos imigrantes japoneses que vão para o Brasil em busca de trabalho e melhores condições de vida. Dividida em três partes: preparativos da viagem na Hospedaria dos Imigrantes, na cidade de Kobe, a viagem e a rotina dentro do navio e a chegada ao porto de Santos; a obra reconstitui a trajetória vivida pelos imigrantes japoneses nos difíceis anos de depressão econômica mundial.

Inspirado na experiência pessoal de Ishikawa, como imigrante, a obra é narrada em forma de diário, o que permite ao autor transmitir sua visão sobre os assuntos e manter-se como observador analítico de suas personagens. A narrativa tem um estilo simples e gracioso, e seu gosto pelas metáforas literárias, encanta o leitor sensível. Poderia ser mais um livro de impressões de viagem e de experiências pessoais, contudo, Ishikawa tem preocupações presentistas e sociais, ou seja, contar aquilo que ele viu testemunhou. Levar para dentro da ficção a historiografia dos imigrantes japoneses e os preconceitos por eles sofridos em terras estrangeiras. A vida triste, pobre e cheia de medos desses viajantes compõe o cenário desse livro. O autor captou com profundidade o espírito da época marcado por interesses mercantis, oportunismo e esnobismo ocidental face ao oriental.

Ishikawa, ao tematizar a visão japonesa sobre o Ocidente, tenta questionar a legitimidade do que fora instituído pelos ocidentais. Aponta a condição de inferioridade imposta pelos colonizadores europeus aos orientais, os quais, subjugados, aceitam pacificamente a posição. Nos portos de Hong Kong e Singapura, por exemplo, por onde os imigrantes japoneses passaram em sua rota rumo ao Brasil, essa distinção de poderes e condições entre chineses e europeus é bem clara. Mesmo estando em seu país, os chineses não possuíam autonomia nem política, tampouco moral.

No romance, os imigrantes japoneses têm um forte apelo ao isolamento, resultado de uma somatória de acontecimentos históricos, como foi o período de clausura de quase 250 anos (1603-1868) vivido pelos nipônicos. Portanto, a palavra: “estrangeiro” já possui, naturalmente, uma conotação bastante forte para os japoneses, e sua visão sobre o Ocidente apresenta resquícios desse período. O autor, no decorrer de sua narração, faz algumas reflexões sobre o assunto, especialmente, nas vozes de duas de suas personagens: o supervisor do navio, o Muramatsu, e o singelo imigrante Oizumi

A personagem Muramatsu, ao observar uma família de colonizadores europeus num fino restaurante da Índia, fica encantado ao ver a postura distinta, os modos polidos e o terno branco de linho do pai, a delicadeza do vestido de seda da mãe e as roupas mimosas das crianças de rostos corados e olhos azuis. Logo em seguida, ele se depara com a pobreza dos chineses de pele escura, descalços e sujos puxando um *rikisha* pelas ruas, e imediatamente surge-lhe o olhar de desprezo e inferioridade. Aqui aparece bem nítida a influência do discurso europeu sobre o Oriente, nas esferas política, científica e literária, como aponta Edward Said. Ishikawa foi um homem de seu tempo que não pôde fugir às teorias etnocêntricas e, apesar de ter adquirido consciência sobre a manipulação política e moral nos enunciados europeus sobre os orientais, não conseguiu negar totalmente que também amargava com a condição de inferioridade do oriental. Em outras palavras, o próprio autor, num primeiro momento, parece não conseguir desconstruir as bases do discurso orientalista ao aceitar parte do enunciado e as representações européias do “outro” como verdade.

Já Oizumi, que antes de ser imigrante era um trabalhador rural, simples e feliz com seus problemas individuais, ao tomar consciência de sua condição social trabalhando na cozinha do navio e tornar-se um cidadão do mundo, perde toda inocência que circundava sua vida anterior. Conhece o preconceito, a divisão de classes sociais, a discriminação, a luxúria e a podridão do mundo globalizado e seus mecanismos sórdidos: o contrabando e o oportunismo dos negociantes. O que mais choca esse imigrante não é a existência da pobreza, mas da ostentação; a qual ele nem fazia idéia de como era. O contato direto com esses dois mundos criou dúvidas metafísicas nesse pobre imigrante que até aquele momento vivia tranqüilo em sua completa ignorância. A partir daqui, o próprio autor começa a sua viagem de auto-conhecimento. Na realidade, Ishikawa se sente um pouco na pele de

Oizumi ao relembrar de suas concepções e idéias sobre o estrangeiro antes de sua viagem ao Brasil. Vale ressaltar que, mesmo para os japoneses, a representação do ocidental não inclui os brasileiros. Portanto, o discurso ocidental, não era etnocêntrico apenas, mas, principalmente, eurocêntrico e colonialista.

### 3. A viagem de auto-conhecimento.

Na ficção *Sôbô*, não é o dualismo: “povos civilizados versus selvagens” que entra em questão, mas o processo de auto-conhecimento do autor e a descoberta do nacionalismo, partindo do universalismo. Ishikawa precisou viajar para o exterior para descobrir que o mundo estava dentro dele. O nosso escritor Guimarães Rosa também chegou a essa conclusão quando afirmou que “o sertão é o mundo”. Tal qual Guimarães, Ishikawa também usa alguns recursos lingüísticos como dialetos arcaicos e regionalismos como prova da riqueza cultural de seu povo. Ainda na linha comparativa, o romance *Sôbô* sensibiliza pela humanização de suas personagens, compostas por pessoas comuns, sujeito a fraquezas, ansiedades, medos e tentações. A protagonista de *Sôbô*, Onatsu, é uma jovem sem virtudes excepcionais, sofrendo por ter se despedido de sua terra natal e de um amor secreto; o que nos faz lembrar, guardadas as devidas proporções, de Ulisses, o primeiro herói ocidental humano que mostrou toda a sua vulnerabilidade. *Odisséia*, de Homero, é uma espécie de *transposição literária de uma busca da verdade*.<sup>1</sup> Longe de exaltar os feitos heróicos de seu povo, como fez Camões, em *Os Lusíadas*, o autor de *Ilíada* narra as dificuldades e as fraquezas vividas pelo protagonista durante sua viagem de volta à Ítaca.

A obra *Os Lusíadas*, que canta os feitos gloriosos da viagem de Vasco da Gama à Índia, ressaltando o heroísmo ibérico e a coragem dos viajantes, pode também ser ligada à visão de “estrangeiro” e “nacionalismo” de Ishikawa. A coragem dos imigrantes japoneses de partirem para terras desconhecidas e viajarem *por mares nunca dantes navegados* demonstra certo ufanismo do autor.

A peregrinação como busca da verdade ou auto-conhecimento vem sendo praticada por escritores ocidentais e orientais talvez na mesma proporção. O haicaísta Matsuo Basho, Henry James, entre tantos, fizeram suas viagens, partindo do exterior para o individualismo; e passando pelo processo que todo viajante costuma trilhar: a da curiosidade, seguida de consciência, depois da indiferença, da nostalgia, da liberdade e, finalmente, da solidão. Naturalmente, algumas dessas fases costumam se sobressair em detrimento de outras. Ishikawa explorou, passo a passo, cada uma dessas etapas em seu romance, ao narrar de perto os sentimentos e as emoções dos imigrantes japoneses desde a partida no porto de Kobe, no Japão, até a chegada ao Brasil. Julia Kristeva trabalha um pouco com alguns desses períodos. Segundo ela, o estrangeiro que se mostra indiferente a tudo, no fundo oculta a sua *inconfessável nostalgia*; que é o caso de Onatsu, a heroína do romance. Seus sentimentos e suas opiniões se anulam com a partida para o Brasil. Aceita o pedido de casamento proposto, durante a viagem de navio, pelo amigo de seu irmão Katsuji, por pura indiferença. Não podia confessar a ninguém que havia deixado no Japão um amor secreto, muito menos ao irmão, por quem sempre fizera todas as suas vontades, inclusive de viajarem como imigrantes, após a morte dos pais. Fora idéia de Katsuji viajar para o Brasil com o intuito, não-confessado por ele, de fugir da convocação militar. Esse fato nos faz enquadrar o rapaz na figura do estrangeiro fugitivo, aquele que pretende livrar-se dos problemas num novo espaço físico. Outra personagem bastante marcante no romance que sofre com a síndrome de ser estrangeira é a anciã Monma, uma velha que passa a viagem inteira mal-humorada por conta da mudança do registro do nome de sua família. Esse tipo de procedimento, o de simulação de uma família, era uma prática muito comum na época realizada pelos imigrantes que não conseguiam compor um número suficiente de membros exigido pelo governo brasileiro. A velhinha aparece no romance como a eterna melancólica, chorando pela terra natal. No entanto, na verdade, seu lamento não está ligado ao espaço físico ou aos problemas de registro do nome de sua família, mas a um período de sua vida que pertence ao passado, os momentos de felicidade registrados em sua memória. Esse sentimento de saudade se agrava, ainda mais, pelo

---

<sup>1</sup> LISBOA, 1986, p. 276.

fato da personagem ser uma pessoa idosa. Os velhos, em geral, possuem uma conexão mais forte com o passado. Para esse último tipo de estrangeiro, a viagem é interior, em suas rememorações e nostalgias. Tal qual Marcel Proust, em sua longa narrativa *Em Busca do Tempo Perdido* (1913), a velha Monma se sente uma viajante isolada no tempo presente, pois sua vida está toda no passado que teve que se despedir.

No romance de Ishikawa, a viagem de navio de 45 dias dos imigrantes representa o lento processo de tentativa de desenraizamento cultural, aceitação dos novos hábitos e costumes e perda de identidade. Para isso, os japoneses acreditavam que bastavam as aulas de língua portuguesa dadas no navio, o uso de um crucifixo no peito e roupas ocidentais. Porém, os imigrantes sentiam-se confusos com essas transformações externas que não afetavam seus ideais internos: a figura do Imperador e pequenos hábitos cotidianos. Não pertenciam mais à terra natal, tampouco ao novo espaço que logo ocupariam, haviam rompido todos os laços com suas origens. O espaço do estrangeiro, na voz de Julia Kristeva, é um trem em marcha, um avião em pleno ar...um navio em alto-mar. Em outras palavras, o tempo presente desses viajantes encontra-se em suspenso, em período de transição. No entanto, como estrangeiros, o sentimento de não pertencer a nada ou a ninguém corre o risco de manter-se em suspenso *ad infinitum* em suas vidas.

## **Conclusão**

O autor de *Sôbô* trouxe para dentro da ficção a problemática histórica da imigração japonesa, contudo, por trás deste tema histórico abrangente encontramos preocupações e reflexões pontuais de Ishikawa acerca de sua experiência como viajante e estrangeiro. O romance deu a dimensão e a mobilidade para o autor converter a ética num elemento interno de seu discurso, sem a preocupação de ter que cumprir uma tarefa de âmbito histórico. Sua posição é solta entre as fronteiras do literário e histórico, em busca da verdade e de auto-conhecimento.

Ishikawa procurou a liberdade por meio de sua longa viagem ao Brasil, queria conhecer o mundo além de suas fronteiras, sentir-se, enfim, completamente livre. Contudo, descobre que a liberdade em terras estrangeiras se chama solidão, exílio. O deslocamento geográfico não implica automaticamente em re-territorialização de gente, idéias e cultura.

## **Referências Bibliográficas**

- AGUIAR, Flávio et al (org.). **Gêneros de Fronteira. Cruzamentos entre o Histórico e o Literário**. São Paulo: Xamã, 1997.
- BURITY, Joanildo A. (org.). **Cultura e Identidade: Perspectivas Interdisciplinares**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.
- CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental**. Vol. VI. Rio de Janeiro: O Cruzeiro S.A., 1964.
- FOGEL, Joshua A. **The Literature of Travel in the Japanese Rediscovery of China. 1862-1945**. California: Stanford University Press, 1996.
- HOMERO. **Odisseia**. Tradução E. Dias Palmeira e M. Alves Correia). Volume I e II. Coleção de Clássicos Sá da Costa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1963.
- ISHIKAWA, Tatsuzô. **Sôbô**. Tokyo: Shinchôsha, 1960.
- KATO, Shuichi. **A History of Japanese Literature**. Vol. 3. Translated by Don Sanderson. Tokyo, New York and San Francisco: Kodansha International Ltd., 1983.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para Nós Mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LISBOA, Luiz Carlos. **Pequeno Guia da Literatura Universal**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.
- PRATT, Mary Louise. **Os Olhos do Império. Relatos de Viagem e Transculturação**. Tradução: Jézio Hernani Bonfim Gutierrez. Bauru: EDUSC, 1999.

SAID, Edward W. **Orientalismo, Representações Ocidentais do Oriente.** Tradução: Pedro Serra. Lisboa: Livros Cotovia, 2004.

---

<sup>1</sup> Mônica OKAMOTO. Professora Assistente.  
(UNESP – Departamento de Letras Modernas)  
e-mail: setuyo@uol.com.br